

O mito de Orfeu e Eurídice no Livro IV das *Geórgicas* de Virgílio: tradução e notas

Paulo Eduardo de Barros Veiga*

RESUMO: Virgílio, poeta do período Clássico da Roma Antiga, escreveu as *Geórgicas*, uma obra poética dividida em quatro livros cuja temática se volta à agricultura. Mais especificamente, no Livro IV, Virgílio aborda o tema da apicultura. Nessa passagem, conta-se o episódio mítico entre Aristeu, um famoso apicultor, e Eurídice, esposa de Orfeu. Este trabalho tem como intuito apresentar uma tradução em prosa dos versos de número 453 a 527 do Livro IV das *Geórgicas* de Virgílio, que narram o mito de Orfeu e Eurídice. O intuito é facilitar o acesso ao texto latino ao leitor brasileiro para que, com o apoio de notas de dados mítico-culturais, possa ter uma compreensão do episódio, principalmente em seu nível temático.

Palavras-chave: Virgílio; *Geórgicas*; Orfeu; tradução.

ABSTRACT: Virgil, a poet of the Classical period of Ancient Rome, wrote the work entitled *Georgics*, a book of poems divided into four parts, on the theme of agriculture. Specifically, in Book IV, Virgil deals with the topic of beekeeping. In this excerpt, the poet tells the mythical episode about Aristaeus, a famous beekeeper, and Eurydice, Orpheus' wife. This paper intends to present a prose translation of verses 453 to 527 of Virgil's *Georgics*' Book IV, that tells the myth of Orpheus and Eurydice. The aim is to make the access of Brazilian reader to the Latin Literature easier, so one, with aid of mythological and cultural notes, can enjoy the episode, mainly at its thematic level.

Keywords: Virgil; *Georgics*; Orpheus; translation.

Orfeu, poeta e músico lendário, oriundo da região da Trácia¹, era filho de Éagro e da musa Calíope, ou de Apolo e de outras musas, como Clio e Polímnia (COMMELIN, [19--]). Dizem que acrescentou à lira de sete cordas, que ganhou de Apolo ou de Hermes, mais duas cordas, em homenagem às nove musas². Outros consideram Orfeu o próprio inventor da lira. A sua habilidade com a música era tamanha que acalmava animais ferozes e dava vida a pedras e árvores. Infelizmente, viu a morte da esposa, picada por uma serpente, no dia do casamento. Não suportando a dor da perda, desceu ao reino de Plutão, senhor dos mortos, a fim de tentar resgatar a vida

* Doutor e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista.

¹ A região da Trácia, onde Orfeu nasceu, compreende atualmente partes da Turquia, da Grécia e da Bulgária. Geograficamente, faz divisa, a leste, com o Mar Negro, ao sul, com o Mar Egeu e, ao sudeste, com o Mar de Mármara, na Turquia (GRAVES, 2000, s. p.).

² As nove musas são: Clio (História), Euterpe (Música), Talia (Comédia), Melpômene (Tragédia), Terpsícore (Dança), Érato (Poesia lírica), Polímnia (Retórica), Urânia (Astronomia) e Calíope (Poesia heróica) (COMMELIN, [19--], pp. 62-63).

de sua amada, Eurídice. Para conseguir encontrar-se com o deus subterrâneo, pela música, convenceu Caronte, que, em sua barca, levava os manes³ até às moradas dos mortos, a deixá-lo atravessar o rio Estige. Orfeu, tocando e cantando, acalmou Cérbero, o cão terrível de três cabeças, e conseguiu percorrer todo o árduo caminho do mundo infernal. Diante de Plutão e de Perséfone, rainha dos mortos, tocou a lira e cantou palavras tristes, a fim de convencê-los a permitir que Eurídice voltasse a viver. Enquanto tocava, os manes choravam comovidos e até os famosos supliciados do Tártaro, região cruel do Hades, condenados a castigos ininterruptos por causa dos crimes hediondos cometidos, acalmaram-se. Perséfone, comovida com a voz do músico, decidiu permitir, enfim, o retorno de Eurídice, porém, com a condição de que Orfeu não voltasse os olhos à esposa até concluir o longo retorno ao mundo dos vivos. Próximo à superfície, o amante, sem querer, volta os olhos à amada, que o seguia, e imediatamente ela retrocede. Agora, enquanto viver, Orfeu deverá suportar a ausência da esposa, duas vezes morta. Inconsolável, o vate recolhe-se a terras inóspitas e não quer mais amar as mulheres. Morreu esquartejado pelas furiosas Bacantes, mulheres que se sentiram desprezadas por Orfeu porque ele as havia rejeitado. Sua cabeça, separada do corpo, enquanto rolava pelo Hebro, rio que corre pela Trácia, ainda chamava por Eurídice. Diz-se que Orfeu, considerado inventor de muitos hinos e poesias, inclusive do verso hexâmetro, foi venerado num templo construído no local onde sua cabeça foi encontrada, a ilha de Lesbos. Por causa dos crimes cometidos pelas mulheres, a presença feminina, nesse templo, era vetada (GRAVES, 2000).

Virgílio narra o episódio mítico do mito de Orfeu nos versos de número 453 a 527 do Livro IV das *Geórgicas*. Basicamente, toda a narrativa virgiliana desse livro, em que se intercala o mito de Orfeu, está relacionada à criação de abelhas, como tema geral. Aristeu, tendo perdido suas abelhas, recorre à sua mãe, Cirene, para desvendar o mal. Ela o aconselha a procurar Proteu, divindade marítima, responsável por cuidar do “gado”⁴ de Netuno. Conseguir a resposta do sábio era um trabalho difícil, pois o velho adivinho não tinha intenções de interagir com ninguém. A estratégia que Aristeu usou foi a mesma utilizada por Menelau, que queria saber como regressar à pátria, como narra Homero, na *Odisseia* (IV, 383-421): amarrar Proteu firmemente durante o sono, para que não escapasse enquanto se metamorfoseasse em diversas formas, como monstro, água e fogo. Mantê-lo amarrado até que voltasse à forma primitiva era condição para que ele respondesse às perguntas. Em Virgílio, o mito de Orfeu e de Eurídice, portanto, é a resposta de Proteu à indagação de Aristeu, aflito para saber a origem da maldição que acabou com as suas abelhas. Pode-se perceber, por exemplo, que o primeiro verso do excerto está marcado com aspas nas edições modernas, porque é a fala de Proteu. A intercalação da história de Proteu com o mito de Orfeu é uma invenção de Virgílio.

Em relação à proposta de tradução em prosa com notas mítico-culturais, dispostas em rodapé, comenta-se sucintamente que elas têm como finalidade facilitar a compreensão do texto de partida, de caráter didático, pois nele se encontram versos com dados de mitologia e de cultura que exigem pesquisa, sem a qual se compromete o entendimento do texto. Já a tradução é um procedimento metalinguístico realizado com a finalidade de compreender o sistema latino e suas oposições, responsáveis pela produção do sentido. Deseja-se que essa tradução possa ajudar na compreensão do

³ Os manes, para os antigos romanos, eram os espíritos deificados dos ancestrais (HOWATSON, 2005, p. 344).

⁴ A palavra “gado” tem cunho metafórico: são os animais marinhos, tais quais focas e peixes, que pertencem a Netuno, senhor das águas (COMMELIN, [19--], p. 90).

episódio mítico escolhido e facilitar o entendimento do latim, como apoio, posteriormente, à leitura do original.

Seguem, abaixo, o texto latino – tomado do acervo da Literatura Latina, seguindo o estabelecimento feito por E. de Saint-Denis, nas edições *Les Belles Lettres* (VIRGILE, 2003) – e a tradução com notas.

Virgílio, *Geórgicas*, IV, 453-527: o texto latino

“Non te nullius exercent numinis irae;
magna luis commissa: tibi has miserabilis Orpheus
haudquaquam ob meritum poenas, ni fata resistant, 455
suscitat et rapta grauiter pro coniuge saeuit.
Illa quidem, dum te fugeret per flumina praeceps,
immanem ante pedes hydrum moritura puella
seruantem ripas alta non uidit in herba.
At chorus aequalis Dryadum clamore supremos 460
implerunt montis. Flerunt Rhodopeiae arces
altaque Pangaea et Rhesi Mauortia tellus
atque Getae atque Hebrus et Actias Orithyia.
Ipse caua solans aegrum testudine amorem
te, dulcis coniunx, te solo in litore secum, 465
te ueniente die, te decedente canebat.
Taenarias etiam fauces, alta ostia Ditis,
et caligantem nigra formidine lucum
ingressus Manisque adiit regemque tremendum
nesciaque humanis precibus mansuescere corda. 470
At cantu commotae Erebi de sedibus imis
umbrae ibant tenues simulacraque luce carentum,
quam multa in foliis auium se milia condunt,
Vesper ubi aut hibernus agit de montibus imber,
matres atque uiri defunctaque corpora uita 475
magnanimum heroum, pueri innuptaeque puellae
impositique rogis iuuenes ante ora parentum;
quos circum limus niger et deformis harundo
Cocyti tardaue palus inamabilis unda
alligat et nouiens Styx interfusa coeracet. 480
Quin ipsae stupuere domus atque intima Leti
Tartara caeruleosque implexae crinibus angues
Eumenides tenuitque inhians tria Cerberus ora
atque Ixionii uento rota constitit orbis.
Iamque pedem referens casus euaserat omnis 485
redditaque Eurydice superas ueniebat ad auras
pone sequens (namque hanc dederat Proserpina legem),
cum subita incautum dementia cepit amantem,
ignoscenda quidem, scirent si ignoscere Manes:
restitit Eurydicenque suam iam luce sub ipsa 490
immemor heu! uictusque animi respexit. Ibi omnis
effusus labor atque immitis rupta tyranni
foedera, terque fragor stagnis auditus Auerni.

Illa: “quis et me” inquit “miseram et te perdidit , Orpheu,
 quis tantus furor? En iterum crudelia retro 495
 fata uocant conditque natantia lumina somnus.
 Iamque uale: feror ingenti circumdata nocte
 inualidasque tibi tendens, heu! Non tua, palmas.”
 Dixit et ex oculis subito, ceu fumus in auras
 commixtus tenuis, fugit diuersa, neque illum 500
 prensantem nequiquam umbras et multa uolentem
 dicere praetera uidit; nec portitor Orci
 amplius obiectam passus transire paludem.
 Quid faceret? Quo se rapta bis coniuge ferret?
 Quo fletu Manis, quae numina uoce moueret? 505
 Illa quidem Stygia nabat iam frigida cymba.
 Septem illum totos perhibent ex ordine mensis
 rupe sub aeria deserti ad Strymonis undam
 fleuisse et gelidis haec euoluisse sub antris
 mulcentem tigris et agentem carmine quercus. 510
 Qualis populea maerens Philomela sub umbra
 amissos queritur fetus, quos durus arator
 obseruans nido implumis detraxit; at illa
 flet noctem, ramoque sedens miserabile carmen
 integrat et maestis late loca questibus implet. 515
 Nulla uenus, non ulli animum flexere hymenaei.
 Solus Hyperboreas glacies Tanaimque niualem
 aruaque Riphaeis numquam uiduata pruinis
 lustrabat, raptam Eurydicen atque inrita Ditis
 dona querens; spretae Ciconum quo munere matres 520
 inter sacra deum nocturnique orgia Bacchi
 discerptum latos iuuenem sparsere per agros.
 Tum quoque marmorea caput a ceruice reuolsum
 gurgite cum medio portans Oeagrius Hebrus
 uolueret, Eurydicen uox ipsa et frigida lingua 525
 ah! miseram Eurydicen anima fugiente uocabat;

Tradução e Notas

“É a ira de uma divindade que te persegue; pagas os grandes atentados: o pobre Orfeu, de nenhum modo, se os destinos não se opõem, alivia a ti estas penas por causa do teu comportamento, e se enfurece severamente por causa da esposa raptada⁵. De fato, aquela menina⁶, prestes a morrer, enquanto fugia de ti⁷ precipitada através dos rios, não viu diante dos pés na relva densa a feroz cobra que vigiava as margens. Mas o coro de mesma idade das Dríades⁸ encheu de clamor as montanhas supremas; os cumes rodopeus⁹ choraram, e os altos pangeus¹⁰, e a terra marcial do Reso¹¹, e também os

⁵ O adivinho Proteu, guardador do “gado” de Netuno, sacia as dúvidas do apicultor Aristeu, que havia perdido as suas abelhas e não sabia o motivo. O excerto é a resposta de Proteu a Aristeu, culpado pela morte de Eurídice, pois, ao persegui-la, fê-la pisar em uma cobra mortífera (COMMELIN, [19--], p. 90).

⁶ Eurídice.

⁷ Aristeu.

⁸ Dríades, Hamadriades ou Náíades eram as ninfas dos bosques (COMMELIN, [19--], p. 109-110).

⁹ O Ródope era um monte localizado na Trácia, onde nasceu Orfeu (GRAVES, 2000, p. 112).

¹⁰ O monte Pangeu localizava-se entre a Trácia e a Macedônia (GAFFIOT, 2000, p. 1109).

Getas¹², e também o Hebro¹³, e também Oritia ateniense¹⁴. Ele, procurando aliviar o amor dorido, com o casco oco¹⁵ a ti, ó doce esposa, a ti consigo no litoral deserto, a ti com o dia nascente, a ti com o poente cantava. Penetrou nas gargantas do Tênaró, entrada profunda de Dite¹⁶, e no bosque obscuro sob o negro temor; e dirigiu-se aos manes¹⁷, ao rei temível¹⁸ e aos corações que não sabem se abrandar com as súplicas dos homens. Mas, comovidas pelo canto, as sombras tênues e os espectros dos carentes de luz acorriam das moradas profundas do Érebo¹⁹, assim como muitos milhares de aves se escondem nas folhagens, quando Vêesper²⁰ ou a chuva de inverno as espanta dos montes, assim também mães, varões e corpos de heróis magnânimos, que deixaram a vida, e meninos e meninas solteiras, e os jovens colocados nas fogueiras, diante das faces dos pais. Em torno deles, a lama negra, o caniço horrendo do Cócito²¹ e a lagoa desagradável de água parada os encerra, e o Estige espalhado nove vezes²² os retém. Além disso, os próprios recintos e também os abismos mais profundos da morte pararam, e as Eumênides²³, entrelaçadas de serpentes azuis nos cabelos, detiveram-se, e Cérbero²⁴, desejando abrir, segurou as três bocas; também o giro da roda de Ixião²⁵, com o vento, cessou. E, já prosseguindo, de todo acidente se evadira, e Eurídice restituída vinha para a superfície seguindo atrás (pois Prosérpina²⁶ tinha imposto esta lei), quando uma loucura súbita, que decerto deveria ser perdoada, se os manes soubessem perdoar, tomou o incauto amante: parou e para a sua Eurídice, já sob a luz, olhou esquecido, ai!, e vencido pela paixão. Nesse momento, todo o esforço se perdeu, e a lei do cruel tirano²⁷ foi infringida, e três vezes se ouviu um estrondo nos lagos do Averno²⁸. Ela disse: “Qual, ó Orfeu, arruinou a mim, mísera, e a ti? Qual tamanha loucura? Eis que os destinos cruéis, pela segunda vez, me chamam de volta, e o sono encerra meus olhos em lágrimas. E, agora, adeus: sou levada envolta por uma noite sem fim e estendendo a ti as inválidas mãos, ai!, já não sou mais tua.” Disse e subitamente fora das vistas, como o fumo misturado às tênues brisas, afastou-se em sentido contrário e não mais o viu agarrando inutilmente as sombras e, além disso, desejando dizer muito; e o barqueiro do Orco²⁹ não mais permitiu a ele atravessar a lagoa interposta. O que

¹¹ Reso foi um rei mítico da Trácia (GAFFIOT, 2000, p. 1362).

¹² Os Getas eram um povo que vivia na Trácia (GAFFIOT, 2000, p. 713).

¹³ O Hebro é o nome de um rio da Trácia (GAFFIOT, 2000, p. 738).

¹⁴ Bóreas, vento do Norte, raptou Oritia e levou-a para a Trácia, onde ele vivia (COMMELIN, [19--], p. 83).

¹⁵ Sinédoque para lira, instrumento musical de Orfeu.

¹⁶ Dite é Plutão, deus do mundo dos mortos (GAFFIOT, 2000, p. 534).

¹⁷ Conferir nota 3.

¹⁸ Plutão ou Hades, deus do mundo dos mortos.

¹⁹ Os Infernos.

²⁰ A tarde, a Estrela da tarde (o planeta Vênus) ou o poente, por extensão de sentido.

²¹ Rio dos Infernos.

²² Rio que circunda os Infernos nove vezes (COMMELIN, [19--], p. 137).

²³ As Eumênides, Erínias ou Fúrias eram divindades infernais responsáveis por executar as penas dos culpados (COMMELIN, [19--], p. 144).

²⁴ Cérbero, o cão de três cabeças, guardava a entrada dos Infernos.

²⁵ Ixião, rei dos Lapitas, foi condenado por Júpiter a girar incessantemente, preso a uma roda. Além de ter assassinado o sogro, Deioneu, Ixião ofendeu a esposa do deus do Olimpo, Juno, declarando-lhe amor. Além disso, vangloriou-se da desonra cometida contra o pai dos deuses, que, por fim, fulminou-o ao Tártaro, impondo-lhe o castigo. (COMMELIN, [19--], p. 147).

²⁶ Rainha dos mortos, esposa de Plutão.

²⁷ Plutão ou Hades.

²⁸ Os Infernos.

²⁹ O barqueiro do Orco (dos Infernos) era Caronte, responsável por conduzir, navegando pelo rio Estige, os espíritos recém-vindos até as moradas dos mortos (COMMELIN, [19--], p. 141).

faria? Para onde se dirigiria, uma vez que a esposa lhe fora duas vezes raptada? Com que lamentação comoveria os manes? Quais deuses, com a voz? Ela, decerto, já fria, navegava na barca estígia. Dizem que ele chorou durante sete meses inteiros, um a um, sob um rochedo elevado, junto às águas do Estrimão³⁰ deserto, e que recordou tais fatalidades nas frias cavernas, abrandando os tigres e movendo os carvalhos pelo seu canto. Tal qual a triste Filomela³¹ sob a sombra do choupo lamenta os filhotes perdidos, os quais o cruel lavrador, tendo visto, retirou-os implumes do ninho. Ela, porém, chora durante a noite e, pousando no ramo, restabelece o canto triste e enche vastamente as regiões com as lúgubres lamentações. Nenhum amor, nem himeneu algum³² dobraram-lhe o coração³³. Solitário percorria os gelos hiperbóreos³⁴, o Tânaís³⁵ coberto de neve e as vastidões nunca desprovidas de gelos dos montes Rifeus³⁶, lamentando a Eurídice raptada e os favores inúteis de Dite³⁷. As matronas dos Cícones³⁸, rejeitadas³⁹ por causa das exéquias, espalharam o jovem despedaçado pelos campos extensos, durante os ritos dos deuses e as orgias de Baco⁴⁰ noturno. Então, como o éagro Hebro⁴¹ corresse levando no meio de sua corrente a cabeça separada do pescoço marmóreo, a própria voz e a frígida língua chamavam “Eurídice”, ah!, “mísera Eurídice”, ao fugir-lhe a vida; as margens repercutiam “Eurídice” por todo o rio.

REFERÊNCIAS

CAMÕES. *Os Lusíadas*. Porto: Porto editora, 5º Ed, [19--].

COMMELIN, P. *Mitologia Grega e Romana*. Trad. de Thomaz Lopes. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--].

CONTE, Gian Biagio. *Latin Literature: a History*. Translated by Joseph B. Solodow. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

CORTE, Francesco della (org.). *Enciclopedia virgiliana*. Roma: Enciclopedia Italiana, 1984-1991. (6 v.).

³⁰ Do Estige, rio da Trácia (GRAVES, 2000, p. 119)

³¹ Princesa lendária de Atenas, metamorfoseada em rouxinol, como expiação pelo crime cometido. Filomela, no caso, ajudou Procne, sua irmã, a vingar o marido adúltero e cruel, cujo filho foi assassinado pela mãe. (HOWATSON, 2005, p. 433).

³² Himeneu era o deus do casamento (HOWATSON, 2005, p. 291).

³³ Orfeu, tendo perdido a esposa, não quis voltar a relacionar-se com as mulheres. Ainda, segundo Ovídio (*Metamorfoses*, X, 83-85), teria “inventado” a homossexualidade na Trácia, depois desse episódio traumático, como forma “alternativa” de amar.

³⁴ Gelos do extremo Ártico (GAFFIOT, 2000, p. 760).

³⁵ Rio da atual Rússia, conhecido, hoje, como Don (GAFFIOT, 2000, p. 1541)

³⁶ Montanhas da Cítia, região vasta que abrange parte da Europa e da Ásia (GAFFIOT, 2000, p. 1362). Camões (VII, 12, 6), em *Os Lusíadas*, refere-se à região: “Dos Cáspios montes e da Cítia fria”.

³⁷ Plutão ou Hades.

³⁸ Povo da Trácia.

³⁹ As Bacantes ou Ménades eram mulheres devotas ao deus Baco, também conhecido como Dioniso.

⁴⁰ Baco ou Dioniso era o deus consagrado ao vinho.

⁴¹ Hebro é um rio da Trácia. O adjetivo “éagro” refere-se ao rei da Trácia Éagro, pai de Orfeu (GRAVES, 2000, p. 112).

COULANGES, F. de. *A cidade antiga: estudo sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e de Roma*. 10a ed. Trad. Fernando de Aguiar. Lisboa: Livraria Clássica, 1971.

GAFFIOT, Félix. *Le grand Gaffiot: dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 2000.

GRAVES, R. *The Greek Myths*. London: Folio Society, 2000.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2013.

HOWATSON, M.C. *The Oxford Companion to Classical Literature*. New York: Oxford Press, 2005.

LAVEDAN, Pierre. *Dictionnaire illustré de la mythologie et des Antiquités grecques et romaines*. Paris: Hachette, 1952.

SANTOS, Gilson José dos. Geórgicas IV. *RÓNAI: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*. Juiz de Fora, v. 2 n. 1, pp. 148-164, 2014.

SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Garnier, 2006.

SEGA; TAPPI. *Versioni latine: avviamento alla traduzione*. Firenze: La Nuova Italia, 1986.

SOZIM, Raul José. P. Vergilii Maronis Georgicon – Liber IV. *UNILETRAS (Universidade Estadual de Ponta Grossa)*. Ponta Grossa, v. 29, dez. 2007.

VIRGIL. *Georgics*. Edited with a Commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Clarendon press, 1990.

VIRGILE. *Géorgiques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

Data de envio: 18-12-2017

Data de aprovação: 09-04-2018

Data de publicação: 15-08-2018